



# FRATERNITÀ DI COMUNIONE E LIBERAZIONE

associazione di diritto pontificio civilmente riconosciuta

Uffici: Via De Notaris, 50 - 20128 Milano - e-mail: clfrat@comunioneliberazione.org

Milão, 12 de março de 2020

Caríssimos amigos,

embora não haja ainda disposições das autoridades acerca do próximo mês de abril, a atual emergência sanitária e as problemáticas ligadas à organização dos nossos gestos impõem-nos cancelar todos os compromissos habituais deste momento do ano: os Exercícios da Fraternidade, os Exercícios dos Jovens Trabalhadores, o Tríduo Pascal de GS, os momentos da Semana Santa do CLU, as Vias Sacras, a Escola de Comunidade em conexão de 1º de abril.

Esta decisão, imposta pela emergência, não faz desaparecer a presença insidiosa do coronavírus entre nós nem atenua a provocação que ela representa, não nos permite virar para o outro lado, como se não nos dissesse respeito. Querendo ou não, concerne a todos nós. E, com todos, nós compartilhamos a mesma pergunta: como agir como homens perante esta circunstância?

Nestas ocasiões – que o Mistério não nos poupa –, podemos notar com ainda mais clareza a graça do carisma que nos investiu, verificando a sua capacidade de nos pôr diante do que ocorre. «A única condição para sermos sempre e verdadeiramente religiosos é vivermos sempre intensamente o real» (*O senso religioso*, Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 167), disse-nos Dom Giussani. É esta concepção da religiosidade o que nos faz reconhecer qualquer circunstância como vocação. «Viver a vida como vocação significa tender para o Mistério através das circunstâncias pelas quais o Senhor nos faz passar, respondendo a elas. [...] A vocação consiste em caminhar para o destino, abraçando todas as circunstâncias através das quais o destino nos faz passar» (*Realidade e juventude. O desafio*, Lisboa: Diel, 1995, p. 67). Dom Giussani estava bem consciente da vertigem que isso introduz na vida: «O homem, a vida racional do homem deveria estar suspensa ao instante, suspensa a cada instante a este sinal aparentemente tão volúvel, tão casual, que são as circunstâncias através das quais o desconhecido “senhor” me arrasta, me provoca para o seu desígnio. E dizer “sim” a cada instante sem ver nada, simplesmente aderindo à solicitação das ocasiões. É uma posição vertiginosa» (*O senso religioso*, op. cit., p. 205).

É difícil encontrar uma experiência mais adequada do que esta para descrever a situação em que ficamos quando estamos realmente diante do que acontece: um vertiginoso “estarmos suspensos” «a cada instante a este sinal aparentemente tão volúvel, tão casual, que são as circunstâncias». Contudo, esta é a única atitude racional, pois é por meio dessas circunstâncias que a presença do Mistério, desse «“senhor” desconhecido», nos interpela, nos provoca ao Seu desígnio, à realização da vida.



Mas «a razão, impaciente, não tolera a adesão ao único sinal por meio do qual seguir o Desconhecido, sinal tão obscuro, tão opaco, tão aparentemente casual, como é a sucessão das circunstâncias: é como sentir-se em poder de um rio que nos arrasta para lá e para cá» (*O senso religioso*, op. cit., p. 205). Nestas semanas cada um de nós poderá ver qual posição é que vai prevalecer: uma disponibilidade a aderir ao sinal do Mistério, a seguir a provocação da realidade, ou deixar-se levar por qualquer “solução”, proposta, explicação, a fim de distrair-se da provocação, evitar essa vertigem. Cada um de nós poderá, então, verificar a consistência real das “soluções” em que foi buscar refúgio.

Como fazer-nos companhia nesta tribulação? De que companhia realmente precisamos? Quantas vezes não procuramos uma resposta esvaziando o acontecimento que nos alcançou, reduzindo-o a um âmbito de relações que nos proteja do impacto das coisas, que nos poupe do desafio das circunstâncias, em vez de nos impelir a vivê-lo! Mas semelhante companhia não pode responder: em momentos como o que estamos atravessando, em que a urgência da vida se faz inevitável e poderosa, fica mais evidente do que nunca.

Um jovem amigo meu formou-se e começou uma vida nova. Consequentemente, já não conseguimos ver-nos com a mesma frequência de quando ele ia à faculdade. Recentemente estava reclamando disso comigo. Lembrei-lhe um trecho do Evangelho. Certo dia, os discípulos estavam no barco com Jesus e perceberam terem-se esquecido de pegar os pães. Apesar de terem testemunhado dois milagres gigantescos – duas multiplicações de pães como jamais ocorreram na história –, começaram a brigar entre si por terem esquecido os pães. Então fiz observar ao meu amigo que Jesus estava lá, do lado deles, no barco! E eles continuavam reclamando! O problema não era que estivessem sozinhos, já que Jesus estava com eles, mas para eles *era como se não estivesse*. E, de fato, discutiam entre si que não tinham pão! Para mostrar onde estava o problema, Jesus não fez mais um milagre. De que adiantaria fazer mais um, depois de todos os que eles já tinham visto? Que contribuição dá Jesus, então? Dirige-lhes três perguntas. A primeira: «Quantos pães sobraram depois da primeira multiplicação?» E depois: «Quantos sobraram depois da segunda?» E por fim: «E ainda não entendeis?» (cf. Mc 8,19-21). Como é preciosa a contribuição que Jesus oferece aos seus amigos, ao não lhes poupar as perguntas! Ele não acrescenta explicações, não realiza outros milagres, mas solicita-os, a partir de dentro da experiência deles, a usar a razão até o fundo, de modo que pudessem dar-se conta de *quem* tinham encontrado (tinham consigo o dono da “padaria”!). Atenção: se não tinham entendido, não era porque estivessem sozinhos ou não dispusessem de elementos suficientes, mas porque ainda não tinham usado bem a razão. Com efeito, Jesus revelara-se a eles com os muitos sinais que tinham visto, de uma resposta excepcional, finalmente correspondente ao coração e ao desejo deles e dos demais, em muitas ocasiões, até dramáticas, mas eles ainda não tinham reconhecido quem Ele era, com aquele reconhecimento que se chama fé e que «floresce no limite extremo da dinâmica racional, como uma flor de graça, a que o homem adere com sua liberdade» (*Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 42).

Jesus aproveita toda e qualquer circunstância para mostrar aos seus discípulos a Sua posição diante de tudo o que acontece, de qualquer imprevisto, mesmo doloroso, para que eles experimentem a pertinência da Sua presença, da relação com Ele – da fé –, às exigências da vida. «O conteúdo da fé – Deus feito homem, Jesus Cristo morto e ressuscitado – que se manifesta num encontro, e por conseguinte num ponto da história, abraça todos os seus momentos e aspectos, que, como que arrastados por um redemoinho, são levados para dentro desse encontro e devem ser enfrentados de seu ponto de vista, segundo o amor que nasce dele, segundo a



possibilidade de utilidade em relação ao próprio destino e ao destino do homem que esse encontro sugere» (*Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 37). Se o encontro feito não se tornar para nós como um redemoinho para o qual são levados todos os momentos e aspectos da vida, ficaremos desorientados perante qualquer imprevisto novo, perante qualquer apuro novo.

É assim, circunstância após circunstância, na experiência contínua de uma “conveniência” inesperada, que «o encontro que tivemos, totalizante por natureza, se torna com o tempo [ressaltando: com o tempo] a forma verdadeira de todos os relacionamentos, a forma verdadeira com que olhamos para a natureza, para nós mesmos, para os outros, para as coisas. Um encontro, se é totalizante, torna-se forma e não simplesmente âmbito de relações: não estabelece apenas uma companhia como lugar de relações, mas é a forma com que estas são concebidas e vividas» (*Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 37-38).

É neste nível da questão – o reconhecimento da natureza totalizante do encontro, que se torna forma verdadeira de toda relação – que vêm em nosso auxílio presenças realmente «amigas», que nos testemunham o caminho que nos permite viver uma situação como a atual. Presenças que nós não programamos, tão excepcionais – mesmo dentro das circunstâncias de todos – que nos deixam sem palavras, em silêncio. «De repente fui jogada numa trincheira. Parece que estamos em guerra. O meu dia a dia no trabalho e na família mudou em um dia. De médica, de mãe, de mulher, passei a dormir em isolamento do meu marido, sem ver meus filhos há duas semanas, sem poder ter um contato direto com os pacientes. Entre mim e os meus doentes há uma máscara, uma viseira e o escafandro deles. Em geral são idosos que vivem este momento sozinhos. Têm medo. Morrem sozinhos. E os parentes, isolados em casa, não podem assistir o seu amado, a sua amada, e recebem telefonemas no meio da noite em que lhes comunico a morte do seu familiar: entre mim e eles há o telefone. Que posso fazer eu humanamente para eles, enquanto cristã? Entro na enfermaria, procuro um sorriso e o abraço de uma amiga enfermeira: neste momento de isolamento também preciso sentir-me fisicamente junto de alguém. E só posso abraçá-los a eles. Perante tudo isso, sustenta-me ler todos os dias a carta de Carrón ao *Corriere della Sera* (“Eis como nas dificuldades aprendemos a combater o medo”, 1º. de março de 2020), que me ajuda a voltar para uma posição de abertura, a perguntar-me o que no fundo resiste. Sou chamada a reconhecer o essencial, o verdadeiro. Além disso há todo o percurso feito sobre o texto da Escola de Comunidade: a provação é a maneira com que a fé pode crescer, se a liberdade estiver lançada diante da Preferência que nos pede tudo. E isso é vertiginoso. Nós temos de confiar e assumir esse risco. A certeza que sustenta a nossa vida é um vínculo, e há um caminho a fazer para chegarmos a essa certeza afetiva. As circunstâncias são-nos dadas para nos apegarmos mais a Ele, que está nos chamando de um jeito misterioso. A fé é confiar que Ele está nos chamando. “Só quando domina uma esperança fundamentada é que ficamos em condições de encarar as circunstâncias sem fugir.” Somos chamados mais do que nunca a responder a Ele, que nos chama misteriosamente. É esta a certeza que posso dar aos meus doentes, aos parentes, além de fornecer o tratamento médico.»

Este é o desafio que cada um de nós encara. Neste momento, em que o nada se espalha, o reconhecimento de Cristo e o nosso “sim” a Ele, até no isolamento em que cada um de nós possa ser obrigado a estar, já é a contribuição para a salvação de todos os homens hoje, antes de qualquer tentativa legítima de se fazer companhia, que de toda forma deve ser procurada nos limites do permitido. Nada é mais urgente do que esta autoconsciência.



Embora não possamos fazer os Exercícios da Fraternidade, nada nos impede de prosseguir no nosso caminho para continuarmos a aumentar a certeza, a «esperança fundamentada» de que precisamos absolutamente para viver estas circunstâncias. Portanto envio-lhes a pergunta que eu tinha pensado para a preparação dos Exercícios, nunca tão pertinente à situação como agora: «**O que nos arranca do nada?**».

Todos vimos o quanto foi útil a pergunta enviada no ano passado para estarmos atentos à experiência que vínhamos fazendo. Este ano pode ser ainda mais decisivo. Convido, portanto, a quem o desejar, a mandar sua contribuição para [comunicazionifrat@comunioneliberazione.org](mailto:comunicazionifrat@comunioneliberazione.org)

Veremos, então, como valorizar, todos juntos, o percurso das semanas que nos aguardam e como responder da maneira mais adequada às perguntas que surgirem. Abertos ao imprevisto.

É um tempo inédito e dramático. Que tamanho podem adquirir os gestos tão caros a nós como o *Angelus* de manhã, ao meio dia e à noite; o *Memorare* antes de ir dormir; o trabalho cotidiano, pessoal e em família, sobre a Escola de Comunidade; e a jaculatória *Veni Sancte Spiritus* no primeiro despertar e em qualquer instante em que a circunstância se torna tão desafiante que precisamos gritar para conseguir ficar diante dela!

Recomendo-lhes a caridade fraterna, com uma atenção às necessidades que surgirem entre nós, permanecendo em contato como for possível, aproveitando ao máximo todos os instrumentos que a tecnologia hoje nos oferece.

Por fim, segundo o convite do Papa Francisco, «continuemos rezando pelos doentes, pelos trabalhadores da saúde e pelas tantas pessoas que sofrem com esta epidemia».

Abraço a cada um de vocês nesta Quaresma tão decisiva para a nossa conversão a Cristo, vitorioso sobre a morte.

Acompanhemo-nos, deixando-nos desafiar pelos tempos que vivemos, para não perdermos a ocasião que o Mistério preparou para nós!

Seu,

padre Julián Carrón